



CRÔNICA DE AULAS SOBRE A CRÔNICA

CHRONICLE OF CHRONICLE CLASSES

Rafael Fava Belúzio*

* favabeluzio@yahoo.com.br
Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (Belo Horizonte, MG).

RESUMO: Ao correr da tecla, meio ensaio acadêmico, meio crônica de professor, aqui se procura refletir a respeito do gênero crônica e do seu ensino. Relatando experiências docentes ocorridas em uma escola federal de Ensino Médio, são discutidas algumas aulas sobre crônica e são problematizados – teoricamente e levando em conta posicionamentos dos alunos – supostos aspectos constitutivos desse “gênero menor”: o registro do circunstancial, a limitação ao jornal, a efemeridade, o público limitado, a limitação ideológica, a limitação de espaço, o pouco tempo de elaboração, o sujeito-textual ser igual ao sujeito-real, a pouca densidade e a oralidade.

PALAVRAS-CHAVE: relato de aula; crônica; ensino de literatura.

ABSTRACT: With the stroke of a key, half academic essay half professor’s chronicle, the aim here is to reflect on the chronicle genre and its teaching. By relating teaching experiences in a federal high school, some classes on chronicle are discussed, and alleged constitutive aspects of this “minor genre” are called into question – theoretically and taking the students’ opinions into account: the record of the circumstantial, the limit to the newspaper, the ephemerality, the limited public, the ideological limitation, the space limitation, the little time for elaboration, the textual-subject being equal to the real-subject, the low density and the orality.

KEYWORDS: class report; chronicle; literature education.

1. INTRODUÇÃO: O GÊNERO CRÔNICA

Bom dia! Há de reconhecer que sou bem-criado. Poderia entrar aqui, boné pra trás, e ir logo dizendo o que me parecesse. Mas não senhor. Chego à porta e o meu primeiro cuidado é dar um bom dia. Vou também me apresentar, ou basta dizer que, no meu cotidiano, os ofícios de professor e de cronista se misturam – leciono em escolas, escrevo em jornais. Não, não são categorias assim, separadas por uma vírgula. Como disse, os ofícios se mesclam: às vezes, escrevo crônica no jornal da escola; em outras ocasiões, fico lá na redação do periódico, onde trabalho, conversando, com o editor, sobre os problemas da educação no Brasil; há casos ainda em que, no meio da aula de Redação, me ocorre a ideia de uma forma possível para o escrito a ser enviado, na próxima semana, ao jornal.

Nesse pequeno texto que tem em mãos, leitor, novamente o professor e o cronista estão sintetizados. Isso aqui é uma crônica, um relato de aula, um ensaio... e escrevo esse texto não é porque falta assunto – problema tão reclamado por escritores de jornal – ou porque o coordenador da escola mandou – problema tão reclamado por professores. É sim uma oportunidade para refletirmos sobre maneiras de lidar, na sala de aula, com o gênero crônica¹. Mas talvez você esteja se perguntando: por que trabalhar isso no Ensino Médio?

A primeira resposta – talvez a primeira para quem trabalha dentro de sala e dentro das redações – é: porque é bom! Há um valor em si mesmo. Eu gosto dessa literatura-jornalismo, desses textos épicos da vida miúda, da fala simples do escrevedor cotidiano de histórias. Mesmo que não sirva para nada além do prazer da leitura. Como cronista, adoro ter que inventar alguma pauta para preencher as linhas da minha coluna no jornal. Como leitor, adoro ler as colunas dos outros. Esbarrar, no meio da tarde, em uma página de Luís Fernando Veríssimo, de Antonio Prata, ou no blog de um ex-aluno que virou cronista. Não precisa haver razão utilitária, instrumental, para que eu me delicie. E, no fim das contas, aquilo que possui um valor em si mesmo é o mais importante, não?

Para além da inutilidade prazerosa da fruição literária, a literatura, e, por extensão, a crônica, é importante enquanto direito humano e enquanto humanizadora. Antonio Candido fala sobre isso no texto “O direito à literatura”. Argumenta que as obras da humanidade – entre elas, as literárias – devem ser de acesso de todos: “Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável”². Assim, ao iniciar um aluno na leitura de uma crônica – e na leitura literária de modo geral – o professor está concedendo a ele o direito

1. Um gênero não é totalmente fixo, embora se reconheça nele alguma estabilidade. Está mais para um modelo variável, que se organiza e se modifica, de formas diversas. Em vez de engavetar as produções em caixinhas fechadas, é interessante pensar os textos, suas estratégias de elaboração, notar que se aproximam e se distanciam de inúmeros outros gêneros textuais. Nesse sentido, estou próximo de considerações de *O espaço biográfico*, de Leonor Arfuch, e *Estética da criação verbal*, de Mikhail Bakhtin, além de, mais adiante, problematizar a noção de crônica a partir, sobretudo, do livro *A crônica*, de Jorge de Sá.

2. CANDIDO. “O direito à literatura”, p. 263.

de aproveitar, de uma maneira mais consciente, uma das possibilidades artísticas. No entanto, não se trata apenas – embora não seja pouco – disso. A literatura, esse direito humano, é humanizadora, pois, ainda de acordo com Antonio Candido, “desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”³. Evidente que nos tornar mais humanos não está aqui no sentido de, necessariamente, mais bondosos ou caridosos. Nos tornamos mais humanos em todas as nossas contradições. De todo modo, nos deparamos mais com os sofrimentos e as alegrias do outro, com as vivências, angústias, necessidades, alegrias, tristezas, cotidianos, vidas. Nesse sentido, a crônica, gênero que muitas vezes prioriza o cotidiano de pessoas comuns, humaniza o seu leitor mostrando a ele a vida de seus semelhantes, fazendo com que ele reflita sobre a sua própria condição de existência. Também por isso, crônicas devem ser trabalhadas no Ensino Médio.

Essa marca de vida comum é um dos elementos mais importantes do gênero aqui discutido. Mas convém marcar outros para, de alguma maneira, haver definição do conceito de crônica: esse suposto gênero menor. Nessa via, interessante notar como certa tradição de estudos sobre o referido gênero o sinaliza com um sinal de menos, como se pode ver em considerações de Antonio Candido, Davi Arrigucci Jr. e Massaud Moisés⁴, por exemplo. Destaco, em

especial, o livro *A crônica*, de Jorge de Sá. O professor da Universidade Federal Fluminense escreve, sobre o gênero aqui focado, um volume para a Série Princípios, da Editora Ática. Na obra, o autor consegue, de maneira fluida e densa, especialmente na primeira parte do livro, intitulada “Uma definição”, sinalizar as particulares características da crônica, normalmente as marcando com um sinal de menos, mostrando o gênero “à margem da nobreza”⁵.

De tal modo, para o autor, a crônica possui (i) *registro do circunstancial* (“o princípio básico da crônica: registrar o circunstancial”⁶ ou ainda “informar os leitores sobre os acontecimentos daquele dia ou semana”⁷), (ii) *limitação ao jornal* (“Um gênero jornalístico”⁸, “a crônica surge primeiro no jornal, herdando a sua precariedade”⁹), (iii) *efemeridade* (“esse seu lado efêmero de quem nasce no começo de uma leitura e morre antes que se acabe o dia, no instante em que o leitor transforma as páginas em papel de embrulho”¹⁰), (iv) *público limitado* (“dirige-se a uma classe que tem preferência pelo jornal em que ela será publicada”¹¹), (v) *limitação ideológica* (“a ideologia do veículo corresponde ao interesse dos seus consumidores, direcionados pelos proprietários do periódico e/ou pelos editores-chefes de redação”¹²), (vi) *limitação de espaço* (“Ocorre ainda o limite de espaço, uma vez que a página comporta várias matérias, o que impõe a cada uma delas um número restrito de laudas, obrigando o redator a explorar da maneira mais econômica possível o

3. CANDIDO. “O direito à literatura”, p. 249.

4. Cf. CANDIDO. “A vida ao rés-do-chão”, 1992; ARRIGUCCI JR. “Fragmentos sobre a crônica”, 2001; MOISÉS. *A criação literária*. 1983.

5. SÁ. *A crônica*, p. 7.

6. SÁ. *A crônica*, p. 6.

7. SÁ. *A crônica*, p. 8.

8. SÁ. *A crônica*, p. 10.

9. SÁ. *A crônica*, p. 10.

10. SÁ. *A crônica*, p. 10.

11. SÁ. *A crônica*, p. 8.

12. SÁ. *A crônica*, p. 8.

13. SÁ. *A crônica*, p. 8.

14. SÁ. *A crônica*, p. 10.

15. SÁ. *A crônica*, p. 9.

16. SÁ. *A crônica*, p. 9.

17. SÁ. *A crônica*, p. 11.

pequeno espaço de que dispõe”¹³), (vii) *pouco tempo de elaboração* (“Sua elaboração se prende também a essa urgência: o cronista dispõe de pouco tempo para datilografar o seu texto”¹⁴), (viii) *sujeito-textual igual ao sujeito-real* (“quem narra uma crônica é seu autor mesmo” e “tudo examinado pelo ângulo subjetivo da interpretação”¹⁵), (ix) *pouca densidade* (“Sua linha divisória (...) é a densidade. Enquanto o *contista* mergulha de ponta-cabeça na construção do personagem, do tempo, do espaço e da atmosfera que darão força ao fato ‘exemplar’, o cronista age de maneira mais solta”¹⁶), (x) *oralidade* (“o cronista precisa de um ritmo ágil (...). Por isso a sua sintaxe lembra alguma coisa desestruturada, solta, mais próxima da conversa entre dois amigos do que propriamente um texto escrito”¹⁷).

Relativizo: seria discutível se para Jorge de Sá a oralidade, por exemplo, ganharia um sinal de menos em oposição a uma linguagem, por assim dizer, mais formal – talvez dependa muito do contexto. É preciso também demarcar que, no capítulo final de *A crônica*, alguns conceitos são rediscutidos. Em determinados momentos, o autor até concorda que a crônica retira justamente dessa sua aparente fragilidade a sua grande força, mais ou menos como também argumenta Antonio Candido, no ensaio “A vida ao rés-do-chão”. Jorge de Sá chega a afirmar, ao abordar o *limite de espaço*: “É dessa economia que nasce a sua riqueza estrutural”¹⁸. Não posso deixar de dizer também que o texto escrito por

18. SÁ. *A crônica*, p. 8.

Sá aborda, principalmente, um momento histórico anterior à ascensão da Internet, o que faz com que a nova realidade para o gênero, surgida em decorrência da rede mundial de computadores, não esteja no seu horizonte de preocupação. No entanto, me interessa em – mais do que problematizar um livro teórico em si, ou levantar uma vasta bibliografia teórica – problematizar essas supostas dez marcas do gênero crônica. Farei isso a partir de um contraponto com a tradição brasileira de cronistas modernos – cabendo ainda ressaltar que Jorge de Sá, a meu ver, possui méritos em frisar elementos tão importantes da crônica, embora eu procure discutir um pouco mais determinadas questões.

Para tanto, haveria, nesse primeiro momento, a ideia de que uma crônica prototípica seria aquela escrita às pressas por um autor igual ao narrador do texto. Nessa pressa de elaboração, a crônica traria para a sua constituição formal uma precariedade. O autor apresentaria, em poucas linhas, os comentários, em uma linguagem bastante oral, sobre o seu cotidiano imediato, mas sem ferir os interesses ideológicos do editor do jornal. É nas páginas do próprio jornal que esse texto sem muita densidade no trato de personagem, tempo e espaço, seria publicado. E o papel frágil do periódico, um dia após ser lido por um público limitado, estaria perdido, embrulhando produtos em uma feira qualquer. À folha perdida, as batatas...

2. SELECIONANDO OS TEXTOS: AS CRÔNICAS, NO PLURAL

Se você, leitor, possivelmente um professor de Língua Portuguesa do Ensino Médio, concordar com a definição de crônica apresentada na parte anterior desse meu texto, sugiro que tenha calma. Na parte 3, **O gênero crônica: (desconstruindo os) aspectos constitutivos**, vou procurar mostrar que, na tradição brasileira, há exemplos que contrariam a definição apresentada – estou a arquitetar um crepúsculo artificial com um martelo, a indicar que a definição apresenta algumas limitações. Há textos que extrapolam as amarras tecidas. A tradição brasileira, inclusive, é extensa, varia no tempo e nas formas de composição. Para problematizar essa mesma diversidade e encontrar alternativas de trabalho – viáveis na sala de aula no Ensino Médio e capazes de intensificar os estudos tanto da tradição quanto da suposta definição cristalizada na primeira parte desse meu texto – vou avançar um pouco a conceituação de crônica a partir de um esboço bastante sintético da história da crônica brasileira¹⁹.

Se fôssemos fazer, a princípio, uma crônica da crônica brasileira, poderíamos começar com... Pero Vaz de Caminha? Os autores da literatura de informação, por sinal, são por vezes apresentados como cronistas. *Cronistas do descobrimento*, um livro que reúne tais textos da literatura

informativa, note, traz um título capaz de expressar essa dimensão de um modo bastante enfático. Ali está carta do próprio Caminha, além de Pero de Magalhães Gândavo, Gabriel Soares de Sousa, Hans Standen, Manuel da Nóbrega, entre outros. Esses relatos de viajantes apresentam, sobretudo para o Rei de Portugal, a terra achada. São escritos marcados pelos interesses da coroa lusitana, como o encontro de metais preciosos e a difusão do catolicismo. No entanto, a crônica abordada aqui por mim é de outra ordem.

Não é também o texto de um historiador. Alguns livros de estudos históricos – ou sociológicos – trazem o termo crônica em seu título. Por exemplo, a *Crônica de uma comunidade cafeeira*, de Paulo Mercadante. Na obra, o sociólogo traça uma história da pequena cidade de Carangola, no interior mineiro. Conta desde a chegada dos primeiros brancos até os meados do século XX. O termo *crônica*, portanto, pode ser nesse sentido aproximado do termo *história* – embora a “crônica” por vezes sugira ser agremiadora de algo menor também dentro da historiografia.

A crônica que me interessa não é, ou não exatamente, um texto de historiador. Para traçar uma perspectiva histórica do gênero crônica também não volto ao século XVI. O que focalizo, nesse particular, é a crônica brasileira moderna, inicialmente ligada às páginas dos jornais, maioritariamente cariocas, de meados do século XIX. Em José de Alencar,

19. Uma interessante reflexão sobre o cotejamento teórico aqui proposto, algo entre os dados conceituais e o cânone literário nacional, pode ser notada nas considerações metodológicas indicadas por Marcus Freitas no ensaio “O escritor e seu ofício: em busca da Teoria da Literatura”.

especialmente na sua série de textos chamada *Ao correr da pena*, publicada a partir de 1854, há um ótimo exemplo desse primeiro momento. São páginas que discutem o cotidiano, seja político ou inerente às máquinas de costura, sejam os bailes cariocas ou a economia nacional. Em seguida, o Machado de Assis de séries como *Bons dias!* continua a tradição de cronistas brasileiros. O autor faz *metafísica de quinquilharias*: parte das miudezas do cotidiano e chega às grandes discussões humanas. Já Olavo Bilac, normalmente conhecido apenas como poeta parnasiano, é outro que está nessa primeira safra de autores. Bilac escreve um grandioso volume de crônicas e também fala de assuntos diversos, como se pode notar na seleção *Vossa insolência*.

Na virada do século, João do Rio alarga os horizontes do gênero. Porque se é comum imaginar o Bruxo do Cosme Velho realizando os seus comentários da semana, estando ele sentado em uma cadeira, na frente de uma mesa, discutindo ironicamente o cotidiano, João do Rio sobe os morros, vai às prisões e às ruas para encontrar a matéria de seus escritos. Em *A alma encantadora das ruas*, o cronista está, em meio a outras pessoas, olhando, por exemplo, as tabuletas de propagandas. Cronista importante nesse momento é também Lima Barreto. Sem dúvida, nos romances do escritor é sensível o gosto pela vida cotidiana e a escrita fluida, oralizada. Igualmente se pode ver na *Antologia de*

crônicas do autor, em textos que estão, ao mesmo tempo, próximos de Machado de Assis e de Mário de Andrade.

Um pouco depois, no primeiro modernismo, Manuel Bandeira, por exemplo, é autor de *Crônicas da província do Brasil*. Um volume no qual se encontram escritos que lembram os de historiadores, ou ainda textos que podem ser tratados como resenhas, bem como falas mais cotidianas. Enquanto isso, Mário de Andrade escreve um livro chamado *Os filhos da Candinha*, expressão popular muito usada na época e que significa algo como “o disse me disse”, “a boca miúda”, “a fofoca”. Oswald de Andrade, por sua vez, é o autor de *Telefonema*, um extenso volume de textos curtos, publicados no Rio de Janeiro, contando, como se fossem telefonemas, principalmente notícias de São Paulo, mas também viagens, afinidades intelectuais e debates literários próprios da época. Dos modernistas, contudo, meu livro de crônicas preferido é *Pathé-Baby*, de Antônio de Alcântara Machado. Com recursos cinematográficos – como se pode presumir desde o título, pois corresponde a uma pequena filmadora da época – e expressionistas – criando, muitas vezes, caricatos, distorções da realidade – o autor escreve uma série de textos de viagem, um para cada cidade europeia visitada durante certo passeio.

Não raro, contudo, é a geração seguinte de cronistas a ser apresentada como o ponto alto da tradição brasileira. Não

que Machado de Assis seja um ponto baixo, claro. Acontece que Rubem Braga é outro autor excepcional. Caso o leitor queira se aventurar nos escritos do velho Braga, sugiro que inicie pelas *200 crônicas escolhidas*. Uma excelente antologia revelando como uma prosa lírica, com um mínimo de matizes, consegue obter sofisticadas discussões, como um prisma variado de cores, muitas delas melancólicas. Outro melancólico nesse momento é Vinícius de Moraes. Em *Para uma menina com uma flor*, o poetinha conta histórias do dia-a-dia, fala da sua relação com a literatura, discute questões teóricas da escrita, conta casos de amor. Carlos Drummond de Andrade é outro cronista destacável nesse momento da literatura brasileira. *Auto-retrato e outras crônicas* traz obras marcantes, como “A carta de José”, na qual o sujeito-lírico do poema “José” responde ao poeta, Drummond, o que fará agora. Os nordestinos também abalizam essa geração de autores. Destaco, em particular, Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz. O primeiro escreve, por exemplo, *Viagem*, uma série de crônicas – que, na organização do todo, chegam a lembrar um romance – sobre uma viagem à União Soviética. Rachel de Queiroz, por sua vez, foi cronista durante grande parte de sua vida. Diz até que era de profissão jornalista. Além disso, especialmente nos escritos do final de sua vida, Rachel de Queiroz demonstra, em textos curtos, secos, a fina sensibilidade de uma senhora realizando o balanço de uma vida. Uma boa seleção de produções da

autora está em *Melhores crônicas*, organizada por Heloisa Buarque de Hollanda.

Durante o período da Ditadura Civil-Militar Brasileira, o que balança é a vida dos escritores de jornal. Havendo o peso da censura e os riscos próprios desse período político, alguns autores tecem textos corajosos. Assim é *Febeapá*, ou o Festival de Besteiras que Assolam o País, de Stanislaw Ponte Preta. Enfatizando, no cotidiano do brasileiro, as implicações da política nacional, Ponte Preta é um dos escritores mais engraçados de toda a tradição. Nessa perspectiva do humor, embora um pouco posterior, está Luís Fernando Veríssimo. O autor de *As mentiras que os homens contam* soube, como poucos, usar a frase ágil, lembrando recursos típicos da publicidade. Hoje, nessa esteira humorística, mas sem perder o aprendizado machadiano de que com o riso, aparente quinquilharia, é possível abordar questões metafísicas, Antonio Prata é um herdeiro da tradição da crônica brasileira. Um livro como *Meio intelectual, meio de esquerda* merece a leitura.

Terminado uma brevíssima apresentação da tradição brasileira, quantos não ficaram de fora dessa tentativa? Nomes fundamentais como Raul Pompeia, Marques Rebelo, Paulo Mendes Campos, Antônio Maria, Nelson Rodrigues, Fernando Sabino, Millôr Fernandes, Clarice Lispector, João Ubaldo Ribeiro, Carlos Heitor Cony, Ferreira Gullar... e

tantos mais. Esse meu texto poderia ser todo dedicado à tradição e ainda assim faltariam páginas. De toda maneira, acredito que os nomes apresentados já conseguem indicar: trabalhar o gênero crônica é algo complexo, o gênero varia no tempo. Assim, dizer que a crônica possui as marcas A ou B talvez seja dizer isso em um tempo específico. Existem, sem dúvida, pontos comuns dentro dessa gama de autores e obras; no entanto, mais interessante seria notar que estudar um gênero poderia ser estudar a sua variabilidade no tempo, esse reino de Cronos. Ou então, haverá o risco de um conceito muito limitado do próprio gênero deixar de fora traços importantes em determinados momentos históricos, em alguns autores fundamentais. Acrescente aqui um lamento: a crônica é muito pouco trabalhada nas aulas de literatura, seja no Ensino Médio, seja na graduação em Letras, cabendo, principalmente, ou quase apenas, ao romance e à poesia o privilégio no cânone escolar.

Nessa perspectiva, para selecionar as crônicas com as quais lidar em uma aula – agora quem fala é o professor que leciona a respeito do gênero (com o qual trabalha em periódicos), e esse meu texto vai ganhando ares de relato – é fundamental ter em mente a diversidade. Essa multiplicidade enorme de autores desenvolve uma pluralidade riquíssima de formas e temas. Assim, o professor que deseja estudar o gênero com seus alunos pode, em vez de levar para a sala de

aula somente um texto, levar um conjunto deles. Privilegiar a heterogeneidade de épocas e estéticas e assuntos. Uma alternativa bibliográfica é, por exemplo, o livro *As cem melhores crônicas brasileiras*, organizado pelo cronista Joaquim Ferreira dos Santos. Se o professor combinar antes com seus alunos e tratar a obra citada como o livro a ser trabalhando durante o mês, ou o bimestre escolar, acredito que haverá um estudo mais denso, mais interessante, portanto, do que limitar a aula sobre o gênero crônica a somente cinquenta minutos ao rés-do-chão e uma única página de jornal.

Quanto ao livro de Joaquim Ferreira dos Santos, é um tanto recente – publicado em 2005 –, ainda mais se levo em conta que traz textos produzidos desde os anos 1850. Como o título da obra menciona, apresenta cem crônicas. Estas são divididas em oito partes organizadas temporalmente: “De 1850 a 1920”, “De 1920 a 1950”, “Os anos 50”, “Os anos 60”, “Os anos 70”, “Os anos 80”, “Os anos 90”, “Os anos 2000”. Logo, há, nas duas primeiras seções (“De 1850 a 1920” e “De 1920 a 1950”), um espaço de tempo muito maior do que nas últimas (a partir dos anos 50 estão divididas por décadas). A contrapelo, procuro, propositalmente, a fim de gerar contraste, criar, nessa parte dois desse meu texto, um cânone que intensifica o número de primeiros autores em detrimento do número dos mais recentes, a fim de expressar que há possibilidades inúmeras de construir um cânone.

De toda maneira, para *As cem melhores crônicas brasileiras* os méritos de apresentar um leque muito amplo de autores e textos – desde as obras que saem nos jornais oitocentistas até alguns publicados na internet – e de contar com uma boa “Introdução” escrita por Joaquim Ferreira dos Santos.

Outra opção é o professor escolher textos diversos em livros diferentes. Para tanto, precisará, ao longo do tempo, acumular um pouco mais de leituras no gênero. Ganhar familiaridade com uma bibliografia mais vasta de cronistas. O investimento na leitura, evidentemente, não é perda de tempo – é ganho de horas de estudo a respeito de um gênero tão interessante, humanizador. O professor pode começar até mesmo por obras-catálogos como *As cem melhores crônicas brasileiras*, ou ir direto traçando o seu cânone em originais, como *Ao correr da pena*, e seguir de maneira progressiva. Ou ainda regressiva: iniciar por livros mais recentes – por um Antonio Prata, quem sabe? – e ler, em marcha ré, a história da crônica brasileira.

Nas páginas a seguir, ao problematizar os aspectos constitutivos da crônica, surgem mais alternativas bibliográficas.

3. O GÊNERO CRÔNICA: (DESCONSTRUINDO OS) ASPECTOS CONSTITUTIVOS

Levando em conta as dez marcas fundamentais do gênero crônica, levantadas na primeira parte desse meu texto,

(registro do circunstancial, limitação ao jornal, efemeridade, público limitado, limitação ideológica, limitação de espaço, pouco tempo de elaboração, sujeito textual igual ao sujeito real, pouca densidade, oralidade), almejo problematizar cada uma delas, para continuar desconstruindo um pouco essa aparente simplicidade do gênero.

Começando pelo *registro do circunstancial*, que é, sim, um dado importante, especialmente por, muitas vezes, a crônica estar ligada ao jornal e trazer o cotidiano como pauta. Sobretudo o cotidiano urbano, uma vez que os periódicos são intimamente vinculados às cidades modernas. Esse registro do circunstancial é o que dá certo “ar de crônica” a outros gêneros textuais que não a própria crônica. Um exemplo são os filmes de Woody Allen – o diretor pode ser visto como um cronista da telona, não sendo fortuita, por exemplo, a importância que as cidades assumem em seus filmes, notadamente Nova York. De toda maneira, nem todas as crônicas apresentam esse registro do circunstancial. Algumas preferem teorizar o próprio gênero, são mais próximas, portanto, da teoria literária que do conto ficcional. Sem falar em crônicas-resenhas, as quais lembram uma página de crítica, como as da série “Impressões literárias”, escritas por Manuel Bandeira e publicadas no livro *Crônicas inéditas 2*.

Passando para a *limitação ao jornal*, outra restrição questionável. Tudo bem que no começo do gênero, no Brasil, o

jornal foi o meio mais importante. No entanto, a crônica hoje ocupa jornais, revistas, sites, blogs, redes sociais, livros... Sobre o espaço virtual, é exemplar em nossos dias o caso da cronista Ana Elisa Ribeiro. A autora – indicada ao Prêmio Portugal Telecom, na categoria Crônica – reúne, em livros, como *Meus segredos com Capitu*, textos publicados, ao longo do tempo, no site *Digestivo Cultural*. Verdade que o site em si possui traços característicos do jornal. Entretanto, já é possível notar que o suporte “jornal impresso” não é um elemento obrigatório. Sem contar que, como dito, as crônicas digitais de Ana Elisa Ribeiro se tornam livro – outro suporte. Esse percurso é comum na tradição: autores vão escrevendo aqui e ali, em periódicos, depois agrupam os textos, em livros – não os deixando limitados ao jornal.

Se as crônicas de Ana Elisa Ribeiro são muito recentes para dizermos que resistem a um longo tempo, assim talvez possamos dizer com *Ao correr da pena*, de José de Alencar. A produção do autor romântico se encontra hoje em obras com ótimas edições, como a organizada por João Roberto Faria. Se chega ao formato de livro, outro mito do gênero parece não ser muito durável: a *efemeridade*. Nem todas as frágeis palavras do jornal morrem ao final do dia. Algumas podem ser canonizadas em antologias como *As cem melhores crônicas brasileiras*. Há até mesmo o caso da crônica “...e por falar em saudade...”, de Lauricy Belletti Rodrigues:

na construção de um calçadão em minha cidade mineira, Carangola, o texto virou monumento, foi impresso em uma placa e faz parte agora da paisagem urbana. Pode o leitor questionar, contudo, o fato das crônicas não serem pensadas para resistirem ao tempo – algumas o vencem por obra do acaso. Todavia, imagine: o autor pode, ao contrário, elaborar um escrito pensando no livro que fará logo em seguida, mas publica a crônica, inicialmente, em jornais. Feita para durar, foi para o jornal apenas para cumprir o protocolo do escritor. Assim, a efemeridade, comum ao gênero crônica, não é um pressuposto inevitável.

Também não é inevitável o *público limitado*. Evidente que, em alguma medida, tudo possui um público limitado. Não há texto lido por todas as pessoas do mundo. E mesmo se for lido por todas as pessoas, está aí a limitação, pois existe um número finito de pessoas. Mas, em estrito, o que é chamado de público limitado corresponde ao fato do texto circular em um jornal a ser comprado apenas por um determinado público leitor. Como já dito, entretanto, a crônica não se restringe ao jornal. Pode circular em livros didáticos ou antologias diversas, blogs, sites, entre outros. Algumas se tornam virais na internet. Há certo tempo, minha caixa de e-mails vivia recebendo crônicas da autoria de Luís Fernando Veríssimo, especialmente as humorísticas, remetidas por diversas pessoas. Reconhecia

sempre linhas da obra *As mentiras que os homens contam*; todavia, vale notar, boa parte dos escritos que aparecem com o nome do autor não são de sua criação. Hoje, porém, ao menos em minha caixa de e-mails, a prática parece menos frequente. De toda maneira, se todo público é sempre, em alguma medida, limitado, o público da crônica pode não se restringir a um único jornal. Ainda mais porque alguns cronistas publicam o mesmo texto em mais de um veículo de comunicação diário. O próprio Luís Fernando Veríssimo consta em diversos jornais, tais como *Zero Hora*, *O Popular*, *O Estado de São Paulo* e *O Globo*.

Sobre a *limitação ideológica*, isto é, a restrição imposta ao escritor no veículo de comunicação onde o texto é publicado, esse problema hoje parece mais dissolvido. Com a ascensão da Internet, com a proliferação de blogs, o número de cronistas aparentemente cresceu. Cito um exemplo no cenário alternativo, conscientemente escolhido alternativo pelo autor. O livro *Comprei jujuba!*, de Gabriel Resgala, é editado independentemente. O escritor, de formação católica, redige em blogs pessoais e recolhe os melhores textos – crônicas, contos e outros gêneros – em livro. Na Internet, o seu número de acessos é bem interessante, atinge leitores radicados em países diversos – do Brasil à Ásia. Já o livro, tanto na versão impressa quanto na digital, já ultrapassou três edições. A partir da interação do autor com o público, a obra é retocada, aqui ou ali. Assim, difícil dizer

que as crônicas de Gabriel Resgala sofrem tanta *limitação ideológica*.

A *limitação de espaço* é outro problema. Por normalmente ser vista como limitada pelas páginas do jornal, a produção do gênero fica encarcerada a pequeno número de caracteres. Apesar disso, um livro como *Pathé-Baby*, de Alcântara Machado, é todo ele formado por crônicas. Sim, elas são curtas, não ultrapassam umas dez páginas. Porém, o livro, de capa a capa, pode ser visto como uma grande crônica sobre a Europa do começo do século XX. Se cada escrito for encarado como uma foto, a sucessão deles, captadas por uma câmera *pathé-baby*, configuram um filme. Contudo, quanto à crônica única, João do Rio escreve, por exemplo, em *A alma encantadora das ruas*, o texto de abertura, “A rua”, com um total de 25 páginas.

Uma crônica longa como essa certamente não dispõe de *pouco tempo de elaboração*. Não é feita às pressas, minutos antes do jornal ser impresso. Mais do que isso, essa lenda de que o cronista escreve às pressas se deve, talvez, à ideia de que o texto tem prazo para entrar no jornal. O próprio jornalista noticiarista sofre disso: precisa mandar a pauta o quanto antes. Ainda mais em tempos de Internet, quando é necessário obter o furo de reportagem no instante em que ele ocorre. Todavia, o cronista não é aquele que escreve a todo instante ou todo dia. Ele, normalmente, publica com

periodicidade, sem, necessariamente, escrever com periodicidade ou pouco tempo de elaboração. Pode ficar anos redigindo uma única página, a qual ocupará a folha do jornal durante apenas um dia.

Nem sempre também o cronista, ele mesmo, está nas crônicas. Na verdade, ele mesmo nunca está: sempre há, pelo menos, dois sujeitos: o de carne e o de papel, ainda que a fronteira entre eles seja rasurável²⁰. A ideia de que na crônica o *sujeito-textual é igual ao sujeito-real* é falaciosa. Mesmo quando aparece, lá nas linhas do texto, uma personagem dizendo em primeira pessoa e se chamando por nome idêntico ao do autor, ainda assim o sujeito-textual é uma criação do sujeito-real. O homem Rubem Braga, por exemplo, escolhe, em alguma medida, as características de si que a personagem Velho Braga possui em “Homem no mar”, presente nas *200 crônicas escolhidas*. O aspecto melancólico e calmo da personagem pode ser distante do temperamento de Rubem Braga, homem, brasileiro, que possuiu um determinado endereço, filiação e tudo mais. O sujeito ficcional da crônica nem mesmo diz ter tudo isso, apenas está lá, cumprindo a sua tarefa de observar o homem ao mar.

A *densidade* da personagem Rubem Braga também não é, necessariamente, menor do que a de uma personagem de conto. Se na teoria há o conceito de que a crônica é mais leve, com mergulho menos intenso no tempo, espaço

e construção dos caracteres; na prática, isso é bastante problemático. É um caso interessante, nesse particular, o livro *Viagem*, de Graciliano Ramos, volume formado por mais de trinta crônicas. Em cada uma delas o autor vai mostrando aspectos diferentes da URSS. Com o correr dos textos, algumas personagens – sobretudo o “próprio” Graciliano, que assina os escritos em primeira pessoa – vão se mostrando densos, revelando nuances antes não imaginadas. Em certos momentos, o narrador se apresenta com um amargor intenso, pouco comum para um gênero textual que privilegiaria somente a leveza. Assim, a ideia de que as crônicas possuem *pouca densidade* é bastante discutível. Machado de Assis, por exemplo, parte das questões miúdas para atingir debates fundamentais, de teor filosófico, político, sociológico. A aparência de quinquilharia engana o leitor desavisado: o texto é sim bastante denso, embora tenha escolhido falar, na superfície, de objetos, aparentemente, menores.

Por fim, a *oralidade*, dado frequente nas crônicas, não é um consenso. “Ai de ti, Copacabana”, de Rubem Braga, por exemplo, faz uso de expressões pouco cotidianas: “cingiram tua fronte”, “Foste iníqua”, “o setentrião”, “Uivai, mancebos, e clamai, mocinhas”, “libação”. Privilegia, na verdade, uma dicção típica de textos bíblicos e, dada a importância de Braga na tradição do “gênero menor” da Literatura Brasileira, coloca em dúvida a regra da oralidade, mais ou menos na tônica dos contraexemplos que estou a levantar.

20. Tais considerações levam em conta os apontamentos de Dominique Combe em “A referência dobrada”.

Portanto, como mostrado nos dez últimos parágrafos, algumas das marcas do gênero crônica são plausíveis, embora não deem conta da diversidade de textos. Essa visão a contrapelo (elaborada na parte 3) – aliada à ideia de tradição (presente na parte 2) e refutando, em alguma medida, os conceitos cristalizados (catalogados na parte 1) – é um pressuposto importante para que a aula, que será descrita a seguir, pudesse se desenvolver.

4. TRABALHANDO O GÊNERO CRÔNICA EM SALA DE AULA

Até aqui, estive discutindo pressupostos. Agora, leitor, passo a relatar um trabalho ocorrido em sala de aula, focalizando o gênero textual crônica. As questões levantadas anteriormente são importantes, pois encaminho minhas aulas levando em conta a dialética vista nas páginas mais atrás: procuro trabalhar com os alunos tanto a partir do conceito mais tradicional, quanto partir de textos, por assim dizer, menos convencionais.

A classe com a qual realizo a empreitada é uma turma do segundo ano do Ensino Médio. Um momento que, particularmente, chama a atenção por seu entre-lugar: os alunos já superaram os “sustos” do primeiro ano, os estranhamentos típicos da passagem do fundamental para um grau acima; os alunos ainda não estão, completamente, voltados para o ENEM, como é comum a terceiroanistas.

Assim, o segundo ano é uma ocasião de relativo conforto, discentes um pouco mais maduros, um pouco menos desesperados com o processo seletivo. Nesse instante da vida deles, o gênero crônica consta como parte do currículo do terceiro bimestre da escola, um colégio federal de Ensino Médio e Ensino Médio Técnico, com estudantes que já venceram uma seleção e cursam, ao mesmo tempo, uma carga de disciplinas do núcleo comum (Ensino Médio) e uma carga de matérias do núcleo técnico (em cursos, de nível médio, como Mecatrônica, Hotelaria, Química, entre outras possibilidades).

Nesse contexto, as aulas organizadas pertencem à disciplina Redação e Estudos Linguísticos. Elas fazem parte do núcleo comum de todas as turmas que cursam o Ensino Médio na instituição. São, em geral, encontradas em todas as escolas do Brasil, assumindo diversos nomes: Redação, Língua Portuguesa, Estudos Linguísticos, Português; ou nomes mesclados, como Língua Portuguesa e Redação, ou ainda, junto à carga de Literatura, compõem parte do currículo geral de matérias como Português e Literatura. Na minha escola, a disciplina Redação e Estudos Linguísticos compreende tanto o exercício de reflexão sobre a linguagem, quanto a produção textual. Para tanto, há duas aulas semanais germinadas, isto é, um encontro por semana, o qual dura uma hora e quarenta minutos.

Assim, no terceiro bimestre, um dos gêneros textuais privilegiados é justamente a crônica. E para encaminhar o trato dessa questão, organizo não somente uma aula, mas três, ou cinco, ou dez. Explico. Não fico dez períodos somente no assunto, alterno aulas de estudo do gênero textual e aulas de questões mais gramaticais, também exigidas pelo currículo da instituição. A alternância, e por vezes a mistura, friso, ajuda muito a tornar menos árido o contato do aluno com as questões de linguagem. Se eu ficar, horas e horas, dias e dias, apenas explicando termos gramaticais – trabalho, sim, importante, mas não exclusivo ou a ser realizado como uma decoreba distante dos textos reais –, os estudantes, possivelmente, terão menos encanto no envolvimento com a própria língua.

Então, ao organizar as aulas, a minha primeira obrigação é selecionar textos. Um exercício muito prazeroso de realizar. Na frente da estante de minha casa, ou em meio aos livros, pensar quais textos são aplicáveis ao contexto. Pensar quais agradam mais, quais agradam menos a determinada turma escolar. Refletir quais são os mais importantes, quais os periféricos dentro de determinada tradição. Mediar a aproximação do discente com o cânone literário. Para mim essa é uma das funções mais importantes dos professores: selecionar textos. Um bom professor é, antes de tudo, um bom leitor, e um bom leitor que repassa bons textos. Todo

educador é um canonizador cotidiano. Querendo ou não, assumindo as propostas de um livro didático ou encarando o desafio de organizar um material próprio, elege o que é fundamental em dada conjuntura. O professor marca as leituras formadoras dos alunos. É evidente que os discentes já trazem conhecimentos prévios. Mas também, não raro, confiam no docente as indicações de “leia isso!”.

Na preparação da aula, nessa minha primeira seleção de crônicas, recolho todas elas no já mencionado livro *As cem melhores crônicas brasileiras*, de Joaquim Ferreira dos Santos. Pego uma de cada autor, privilegiando a diversidade, mas assumindo uma postura mais tradicional. São dez produções ao todo. Eu quero, a princípio e de alguma maneira, ilustrar aquele conceito de crônica apresentado na primeira parte deste texto (Cf. 1. Introdução: o gênero crônica), mesmo sabendo da sua possível fragilidade e que algumas publicações, em grau maior ou menor, sempre se afastam um pouco dele. Listo – texto, autor: “Máquinas de coser”, José de Alencar; “O livreiro Garnier”, Machado de Assis; “O dia de um homem em 1920”, João do Rio; “A Sra. Stevens”, Mário de Andrade; “Meu ideal seria escrever”, Rubem Braga; “Perfil de Tia Zulmira”, Stanislaw Ponte Preta; “Medo da eternidade”, Clarice Lispector; “Sexo na cabeça”, Luís Fernando Veríssimo; “A noite em que os hotéis estavam cheios”, Moacyr Scliar; “Bar ruim é lindo,

bicho”, Antonio Prata. Coloco os textos na copiadora à qual os alunos sempre vão – essa prática é bastante comum na escola em que atuo. Aviso sobre a presença do material na copiadora. O “Para casa” é a leitura.

Na semana seguinte, os alunos chegam com os textos lidos. Nem todos os discentes, lamento dizer. Alguns estudantes leem as crônicas de títulos mais chamativos: “Sexo na cabeça” é a campeã de audiência. Um pequeno grupo de alunos nem sequer pega o material na copiadora. Mas uma parte significativa da classe lê; realiza, portanto, a tarefa de casa. Como verifico isso? Pergunto à sala. Procuo lidar com sinceridade extrema esse momento. A ideia não é punir, mas incentivar a leitura. Queria que todos os estudantes fossem exemplares, não duvide. Mas nem todos estão sempre muito interessados. Desse modo, acredito que seja melhor haver uma cumplicidade na relação professor-aluno. Ao perguntar “Quem leu? Mas digam a verdade, para eu saber como encaminhar a aula”, os alunos percebem que é melhor falar a verdade, eu não vou tirar nota de quem não tiver lido, vou apenas organizar o prosseguimento dos trabalhos. Além do mais, a avaliação do estudante ocorre, sobretudo, na produção textual posterior às discussões. A leitura prévia é para ser mais prazerosa, estimular a conversa, aprofundar as reflexões sobre o gênero crônica. Por fim, aos alunos que não leram nada, direciono – enquanto organizo a sala, dispondo as carteiras em círculo – a cada

estudante ao menos uma crônica em específico. Em dez, quinze minutos, todos estão com, no mínimo, um texto lido. Ao longo da discussão, voltamos ao conjunto de obras, o que, inevitavelmente, faz com que os estudantes leiam mais algumas.

Lidos os textos e organizada a sala, o meu objetivo nessa aula é mostrar o conceito tradicional de crônica. Passo aos discentes, em uma folha à parte, as dez características iniciais já mencionadas aqui. Uma folha A4 para cada aluno, um título como “Características tradicionais da crônica”, apenas os dez conceitos listados e um bom espaço entre eles. A folha funciona como tópicos da conversa. Poderia ser projetada por um *data-show*. Mas quero ter a certeza de que os estudantes estão com os termos em mãos. Quero também que a folha seja preenchida pelos alunos. Anotadas as discussões, as definições dos conceitos, os quais são, ao longo do debate, lincados com as crônicas da copiadora.

E assim ocorre a aula. Passamos a discutir as definições dos conceitos, um a um, mas sem problematizar os limites dos termos. Por exemplo, começo pelo tópico *registro do circunstancial*. Pergunto o que compreendem com essa expressão. Aparecem várias respostas: “registrar alguma circunstância específica”, “falar de alguma coisa particular”, “registrar oficialmente qualquer coisa”. Então eu procuro, a partir das definições ofertadas pelos próprios

alunos, trabalhar com mais cuidado a definição. Lembro que a crônica, normalmente, trata de um evento pequeno e particular, registra, como uma fotografia, um instante cotidiano. Depois disso, peço aos alunos que procurem nos textos as ilustrações disso. Assim, eles começam a discutir as crônicas. Mostram o cotidiano presente em Mário de Andrade, comparam com referências literárias do texto alencariano, que também fala de uma máquina de costura.

Seguindo essa perspectiva, passamos pelos dez conceitos e, sempre que necessário, conto alguma informação histórica importante: quando as crônicas são produzidas, onde são publicadas, a qual livro originalmente pertencem, entre outros dados. Problematizamos os textos, mas sem uma leitura a contrapelo. Ao final da aula, peço para, em casa, fazerem uma crônica. Mais detalhes sobre o enunciado dessa questão constam na próxima parte do texto (5. Atividades propostas para o trabalho com o gênero crônica).

Na semana seguinte, recolho as produções dos alunos. Para haver um hiato entre a primeira e a segunda aula sobre as crônicas – bem como um tempo hábil para os estudantes lerem outra remessa de textos e eu corrigir as primeiras produções –, desenvolvo outro tópico do programa escolar: colocação de vírgula. E a aula sobre vírgulas corre normalmente. Aproveitamos, em alguma medida, as dez primeiras crônicas para olharmos pontuações. Para

casa, conduzo exercícios sobre virgulação (a serem corrigidos daqui duas semanas) e leitura da segunda remessa de crônicas. Agora as escolhidas são menos comuns. Busco textos que fujam da definição tradicional. Priorizo outros livros. Não quero ficar apenas com *As cem melhores crônicas brasileiras*. Exploro outras obras para os estudantes enriquecerem suas bibliografias. Novamente, listo – obra, autor: fragmento da “Carta do achamento do Brasil”, Pero Vaz de Caminha; “Sertanistas e fariscadores”, Paulo Mercadante; “Fala o corvo”, Lima Barreto; “De Vila Rica de Albuquerque a Ouro Preto dos estudantes”, Manuel Bandeira; “1. Las Palmas”, Antônio de Alcântara Machado; “Páginas das páginas”, Marques Rebelo; “Impressões literárias”, Manuel Bandeira; “O pavão”, Rubem Braga; “O festival de besteira”, Stanislaw Ponte-Preta; “A diferença”, Luiz Fernando Veríssimo. Deixo na copiadora os textos. Dessa vez, os alunos parecem mais interessados.

Nem tanto. Na semana seguinte, talvez porque o volume de páginas é um pouco maior dessa vez, poucos alunos leem tudo. Quando entro em sala, vão logo revelando o estranhamento diante dos textos da rodada: “Fessor, o senhor errou? tem o texto do Caminha aqui!”; “Ah, e tem uns troço muito enjoado também”; “Mas tem a do Batman, essa é legal”; “E esse texto grande aqui? Li isso tudo não, chato demais”; “Eu gostei do pavão, é pequeno!”. Para estimular

a discussão, fazemos rapidamente o círculo. Recomendo que estejam com a folha de duas semanas atrás, aquela com os tópicos listados. E discutimos os (des)limites da crônica.

Em vez de seguirmos a ordem dos tópicos, seguimos a ordem dos textos. Procuo contextualizar cada um, perguntar o que gostam e não gostam neles, problematizar mais de perto as crônicas a partir delas mesmas. Começamos pelo fragmento da *Carta de Caminha*. A turma fica um pouco dividida: uns concordam que é crônica, outros recusam a premissa. Estimulo os dois lados, dou argumentos para cada um. Procuo, também, diferenciar a crônica literária moderna – que nos interessa mais aqui – e a carta quinhentista – mas dizendo o que nela há de crônica. Percebem, assim, que, embora os gêneros possam ser separados, existem zonas híbridas, características comuns. Essa mesma tônica se dá no debate sobre o texto de Paulo Mercadante. Notam que é um estudo histórico-sociológico, mas reconhecem que há crônica.

Quanto aos outros textos, sinalizamos o que há neles de comum e o que foge do conceito tradicional do gênero. Os alunos levantam muitos aspectos. Destacam os fragmentos pouco cotidianos na crônica de Marques Rebelo; a extensão de um dos textos de Manuel Bandeira e, ao mesmo tempo, o fato do outro escrito do modernista ser uma resenha de livro; a densidade da problematização metalinguística de Rubem

Braga. Percebem ainda que os textos não são efêmeros, já que estão em livros; falam sobre o embate ideológico da criação de Stanislaw Ponte-Preta; gostam do sujeito-textual ser um corvo, na obra de Lima Barreto, algo distante da ideia de que a voz textual é sempre a voz do cronista. Enfim, os tópicos, inicialmente cristalizados, se relativizam.

No instante seguinte, quando devolvo aos alunos suas redações, percebem como a safra de textos está tradicional. Por vezes, parecem pouco criativos. Ressalto que é importante saber escrever linhas clássicas. Especialmente para efeito de concursos. Caso caia o gênero crônica em um vestibular, é interessante o aluno ficar com uma escrita “mais comportada”, até porque pode o avaliador não ser tão aberto ao “estranho” e zerar a produção de um candidato que trace fragmentos como os de Marques Rebelo. Não que o vestibulando, por isso, erre; entretanto, nem todos os concursos apresentam avaliadores adequados. Os estudantes concordaram. Contudo, ao pedir que, em casa, realizem uma segunda produção, agora seguindo perspectivas mais abertas para o gênero, é notável a alegria geral da turma. Começam a discutir possibilidades inovadoras, como ultrapassar os limites em alguns aspectos, mas, ainda assim, realizando crônicas.

O resultado é recolhido na semana seguinte. Nela, voltamos ao tópico virgulação. Por fim, na última semana em

que trabalho o tópico crônica, somente devolvo e comento a segunda remessa de produções corrigidas. Os textos são muito criativos. Todos, sim, crônicas, porém, em grande medida, na fronteira das possibilidades do gênero. Além disso, notam a importância da tradição: reconhecem o lugar dos textos clássicos, do conceito mais fechado sobre o gênero; percebem, embora, alternativas de elaboração.

5. ATIVIDADES PROPOSTAS PARA O TRABALHO COM O GÊNERO

Ao longo deste meu texto, algumas atividades desenvolvidas estão mencionadas, mas convém agora as detalhar um pouco mais.

A meu ver, a primeira atividade fundamental é a leitura. Os alunos precisam ler crônicas. Não digo ler uma, duas. Ler uma remessa boa. No meu caso, disponibilizo vinte textos ao todo. O importante é fazer os alunos se envolverem com o gênero. Notarem a diversidade temporal e temática e formal, a complexidade dos conceitos básicos, as múltiplas possibilidades.

Outra atividade desenvolvida por mim é o debate em sala. Conversar com os alunos a respeito do gênero, apresentar um conceito mais básico e, depois, estimular as questões sobre os limites e as viabilidades para além do básico. O debate favorece o raciocínio rápido, pois a interação é

instantânea. Desenvolve também o discurso oral do aluno. Em salas nas quais apenas o docente tem direito à voz, o discente perde a oportunidade de promover a modalidade falada da língua. Com as rodas de conversa, o professor pode notar dificuldades específicas nos discursos dos alunos. Perceber quem não faz concordância, por exemplo. É sempre uma ocasião para intervir e ajudar o aluno a lidar com a variante mais padrão – não que a menos padrão seja incorreta, mas é válido dominar ambas.

As produções escritas são o ponto principal da avaliação. Isso se deve ao perfil da escola onde leciono. E ao meu perfil também. Compreendo a aula de Redação e Estudos Linguísticos como espécie de oficina de texto. Ajudar os alunos na melhora da leitura e da escrita. Assim, são passadas duas propostas de produção textual. A primeira, mais tradicional, possui o seguinte enunciado: “Considerando que você seja o cronista do jornal de sua cidade, faça uma crônica sobre acontecimentos cotidianos vividos nessa semana. O seu texto, para se adequar às páginas do periódico, precisa ter entre 350 e 500 palavras”. Diante desse enunciado, os alunos se portam como cronistas tradicionais; redigem, com muita subjetividade, produções sobre um acidente de carro, a inauguração de uma loja, os filmes do cinema. No entanto, a proposta seguinte é mais livre e traz resultados também mais inovadores. O enunciado é apenas: “Faça uma crônica.

Seja criativo”. Diante disso, os alunos querem ser inventivos. Sabem que algumas marcas do gênero devem aparecer nos textos. Mas procuram soluções incomuns: crônicas-raps, textos utilizando formato de jogos de videogame, montagens que sobrepõem escritos e fotos.

Outras possibilidades de atividades podem ser desenvolvidas. Por exemplo, questões fechadas de interpretação textual, sendo que as obras interpretadas sejam crônicas – algo recorrente em vestibulares e concursos. Muitas seleções colocam justamente o gênero como texto principal de análise. É possível o professor ter acesso a esse tipo de material, na Internet. Cabe ao docente recolher algumas provas e passar para os alunos como exercício. Além de incluir, na própria avaliação bimestral, esse tipo de questão – e isso é feito por mim ao final do bimestre. Após o aluno ter se familiarizado um pouco mais com a crônica, especialmente com certa diversidade incomum delas, as mais clássicas então parecem mais fáceis aos estudantes.

Caso a escola onde o professor trabalhe possua um jornal, as produções textuais realizadas em sala podem ser publicadas nele. Talvez escolher uma ou duas, as melhores para a situação. Se não houver jornal, ou mesmo se houver, um blog pode ser criado, e nesse espaço os alunos por vezes gostam de expor os seus textos. No ambiente virtual, o número de acessos costuma ser muito interessante. Outros

alunos, de outras salas e anos, podem também conferir os trabalhos dos novos cronistas. Com isso o assunto continuará vivo, fora da sala de aula, agora, quem sabe, em salas virtuais. Em espaços de comentários existentes nos blogs. Fazer o texto do aluno circular fora da sala é normalmente um excelente estímulo. Os novos escritores se sentem instigados a produzir textos cada vez melhores, já que serão expostos para outras pessoas.

Outras atividades ainda poderiam existir, professor. Qual você sugeriria?

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse texto, procurei mostrar que as crônicas, não raro, são mais complexas do que aparentam ser. Em livros didáticos, é comum o gênero constar em poucas páginas, com um único exemplo e de características tradicionais muito ajustadas aos modelos oferecidos – (e está aí uma boa pauta de pesquisa, não?). Dessa maneira, o discurso do livro reforça a ideia preconceituosa de que a crônica é um gênero menor. Importante, no reverso desse processo, tornar complexo o estudo. Não para dificultar a vida do professor e do aluno, mas para abrir outras aprendizagens.

Aprender junto com o aluno também é importante. Ao longo de meu trabalho em sala, sempre aprendo com uma observação diferente a respeito de um texto. Com

produções textuais dos estudantes, eu, cronista, também aprendo a fazer crônicas. Vejo que os limites do gênero são muito frágeis e que é muito divertido os levar ao extremo, ao limiar, ao ser e não ser simultâneos. Os alunos também se divertem nesse processo, ainda mais os adolescentes acostumados à exploração da situação-limite.

Além de humanizar, ser prazerosa e cair no vestibular, a crônica – esse gênero plural – conta com inúmeras diversidades criativas. Ajudar alunos, por meio da crônica, no desenvolvimento dos seus potenciais inventivos: mais do que apenas ensinar o domínio de um gênero textual. Partir do gênero do cotidiano para algo maior. Metafísica de quinquilharia.

7. REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA MACHADO, Antônio de. **Pathé-Baby**: edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial, 1982.
- ALENCAR, José de. **Ao correr da pena**: edição preparada por João Roberto Faria. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Auto-retrato e outras crônicas**. Rio de Janeiro: Record, 1989.
- ANDRADE, Mário de. **Os filhos da Candinha**. Rio de Janeiro: Agir, 2008.
- ANDRADE, Oswald de. **Telefonema**. São Paulo: Globo, 2007.
- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- ARRIGUCCI Jr., Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: ARRIGUCCI JR., Davi. **Enigma e comentário**. São Paulo: Cia. das Letras, 2001. p. 51-66.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção Biblioteca Universal).
- BANDEIRA, Manuel. **Crônicas da província do Brasil**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- BANDEIRA, Manuel. **Crônicas inéditas 2**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- BILAC, Olavo. **Vossa insolência**: crônicas. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BRAGA, Rubem. **200 crônicas escolhidas**. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- COMBE, Dominique. A referência dobrada: o sujeito lírico entre a ficção e a autobiografia. Tradução de Iside Mesquita e Vagner Camilo. **Revista USP**. São Paulo, USP, n. 84, dezembro a fevereiro, 2009-2010. p. 112-128.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio et. al. **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 13-22.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 3. ed. revista e ampliada. São Paulo: Duas cidades, 1995. p. 235-263.

FREITAS, Marcus Vinicius. O escritor e seu ofício: em busca da Teoria da Literatura. **Aletria**: Revista de Estudos de Literatura. Belo Horizonte, UFMG, v. 20, n. 2, agosto de 2010. p. 182-198. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1540>>. Acesso em 06 de abril de 2019.

JOÃO DO RIO. **A alma encantadora das ruas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. **Antologia de crônicas**. São Paulo: Lazuli Editora e Companhia Editora Nacional, 2010.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

MERCADANTE, Paulo. **Crônica de uma comunidade cafeeira** – Carangola: o vale e o rio. Belo Horizonte: Itatiaia, 1990.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**: prosa. São Paulo: Cultrix, 1983.

MORAES, Vinícius de. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

OLIVIERI, Antonio Carlos; VILLA, Marco Antonio (org). **Cronistas do descobrimento**. São Paulo: Ática, 2002.

PONTE PRETA, Stanislaw. **Febeapá 1**. Rio de Janeiro: Sabiá, 1967.

PRATA, Antonio. **Meio intelectual, meio de esquerda**. São Paulo: Editora 34, 2010.

QUEIROZ, Rachel de. **Melhores crônicas**. Organização de Heloísa Buarque de Hollanda. São Paulo: Global, 2004.

RAMOS, Graciliano. **Viagem**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

RESGALA, Gabriel. **Comprei jujuba!**: crônicas, contos e reflexões. São Paulo: Clube dos Autores, 2012.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Meus segredos com Capitu**. Natal: Jovens Escribas, 2013.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 2005.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos (org.). **As cem melhores crônicas brasileiras**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. **As mentiras que os homens contam**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

Recebido em 19/04/2019.

Aceito em 26/05/2019.